



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

EDUCAR PARA TRANSFORMAR: EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES DE HISTÓRIA E ARTES, E UMA DOCÊNCIA ANTIRRACISTA NO RECÔNCAVO BAIANO

Hallan Barbosa Silva ¹
Julia Rocha Moreira ²
Sândila Bonfim Silva ³

RESUMO

Este relato de experiência propõe uma reflexão aprofundada sobre as vivências formativas desenvolvidas no subprojeto interdisciplinar de História e Artes do PIBID na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com uma ênfase na construção de uma prática docente crítica, antirracista e reencantadora. Ancorado em princípios freirianos, o projeto buscou articular o ensino de História e Artes por meio de práticas que valorizam a ancestralidade, as expressões culturais afro-brasileiras e o protagonismo dos sujeitos negros do Recôncavo Baiano. Compreendemos a educação como um ato político, dialógico e libertador, capaz de transformar o mundo. As atividades realizadas, incluindo rodas de conversa, oficinas artísticas e produções criativas, configuraram-se como espaços de escuta sensível, pertencimento e valorização da identidade afro-brasileira. A interdisciplinaridade entre História e Artes demonstrou ser um caminho potente para despertar a sensibilidade estética e a consciência crítica dos estudantes. Teoricamente, o trabalho dialoga com autores como Paulo Freire, bell hooks, Ana Mae Barbosa e Fredson de Oliveira Martins, bem como com epistemologias negras propostas por Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro e Kabengele Munanga. As experiências vivenciadas demonstram que a arte e a educação antirracista, quando aliadas, atuam como ferramentas de esperança, reencantamento e transformação social. Assim, reafirma-se o compromisso com uma docência enraizada na ancestralidade e na justiça social.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Interdisciplinaridade; Formação Docente; Arte-Educação; Esperança.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, halanbarbosa@aluno.ufrb.edu.br

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, juliarochamoreira@aluno.ufrb.edu.br

³ Graduada em Licenciatura em História pela UNILAB, sandilabomfim@yahoo.com;



INTRODUÇÃO

A formação docente no Recôncavo Baiano exige, de modo incontornável, uma prática educativa que se posicione diante da realidade local, território marcado por profundas heranças culturais e pela presença majoritária da população negra. É nesse contexto, atravessado pela colonialidade do saber, do ser e do poder, que o subprojeto interdisciplinar de História e Artes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), emerge como um espaço de reflexão e experimentação sobre uma docência conscientemente antirracista. O peso do histórico de silenciamento imposto pelo colonialismo demanda que a escola atue como um polo de ruptura epistemológica e de afirmação identitária.

As experiências aqui relatadas, vivenciadas pelos bolsistas Halan Barbosa Silva e Júlia Rocha, sob supervisão da professora Sândila Bonfim, tensionam a dualidade entre o desencanto provocado por currículos hegemônicos, eurocêntricos e monoculturais, e o reencantamento que advém da valorização dos saberes históricos, artísticos e ancestrais. Inspirados na pedagogia freiriana, partimos da compreensão de que a educação é um ato político, dialógico e transformador, capaz de romper com estruturas colonialistas e promover a autonomia dos sujeitos.

Nessa direção, dialogamos com Fredson de Oliveira Martins (2023), que emprega a expressão “Ebó de Esperança” para caracterizar o fazer pedagógico enquanto ritual de cura e abertura de caminhos contra a desesperança imposta pelo racismo. Além dele, as reflexões se entrecruzam com bell hooks, Ana Mae Barbosa, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro e Kabengele Munanga, que sustentam epistemologicamente a urgência de uma educação antirracista e reencantadora.

O objetivo central deste relato é compartilhar práticas pedagógicas interdisciplinares que articulam arte, história e cultura afro-brasileira, posicionando-se na encruzilhada entre a crítica ao modelo colonial e a afirmação das identidades negras. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante, na escuta sensível e no registro reflexivo das vivências em sala e nos espaços formativos.

As atividades desenvolvidas — rodas de conversa, oficinas artísticas, produções visuais e intervenções culturais — configuraram-se como metodologias que potencializam a autoestima, o pertencimento e a construção de uma consciência histórica crítica entre os estudantes.



Os resultados parciais indicam que a interdisciplinaridade entre História e Artes contribuiu para o despertar de uma sensibilidade estética e de um pensamento socialmente comprometido. As ações empreendidas evidenciam a potência da arte como linguagem de resistência, bem como seu papel na valorização das ancestralidades negras e na quebra de paradigmas eurocentrados. A experiência também revelou limites e desafios estruturais, como a resistência institucional, a ausência de formação continuada e as tensões provocadas pela permanência de currículos coloniais.

Conclui-se, nesta etapa inicial do trabalho, que o PIBID se configura como um campo fértil de formação docente crítica e comprometida com a justiça social, especialmente quando orientado por uma pedagogia que reconstrói memórias, amplia horizontes e reencanta a prática educativa. O relato que se segue reafirma o compromisso com uma docência enraizada na ancestralidade, guiada pela ética do cuidado e pela luta contra o racismo.

METODOLOGIA

O presente trabalho se fundamenta em uma abordagem qualitativa de caráter narrativo e experiencial, tomando as vivências no subprojeto PIBID como campo empírico articulado à pesquisa-ação. Essa escolha metodológica é coerente com o referencial freiriano, no qual teoria e prática não são instâncias dissociadas, mas dimensões indissociáveis de uma práxis transformadora. Assim, compreender a escola como espaço de construção coletiva e crítica implica considerar as experiências, vozes e corporeidades como fontes legítimas de produção de conhecimento.

As atividades foram desenvolvidas em escolas públicas do Recôncavo Baiano, articulando História e Artes como campos interdependentes na construção de práticas pedagógicas antirracistas. Por se tratar de uma pesquisa baseada em vivências formativas, não houve necessidade de submissão a comitês de ética, por não envolver coleta de dados sensíveis, identificação de estudantes ou uso de imagens. Todas as ações respeitaram integralmente os direitos das comunidades escolares e os princípios éticos do trabalho docente.

Foram utilizados os seguintes dispositivos metodológicos: Rodas de conversa dialógicas: Inspiradas na escuta sensível proposta por bell hooks (2021), essas rodas favoreceram o compartilhamento de experiências de racismo, memórias familiares e



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

narrativas de ancestralidade. A oralidade foi mobilizada como instrumento de construção coletiva, afeto e elaboração crítica, rompendo com a lógica da transmissão vertical de saberes;

Oficinas artísticas temáticas: As práticas envolveram a criação de máscaras, murais dedicados a personalidades negras, elaboração de poemas e canções, além de intervenções visuais e performáticas. O corpo foi compreendido como território de memória, linguagem e resistência, permitindo transformar conceitos históricos e sociais em experiências sensíveis e políticas;

Diários de campo e relatos reflexivos: Os bolsistas realizaram registros sistemáticos das atividades e interações. Esses registros permitiram a análise processual das aprendizagens, dos desafios e dos tensionamentos vivenciados, constituindo-se como ferramenta de autoavaliação e produção de narrativas pedagógicas.

A metodologia adotada assumiu um caráter de travessia, situando-se na confluência entre experiência docente, teoria crítica e protagonismo discente. Ao privilegiar a escuta, a criação e a reflexão, o trabalho se alicerçou em práticas que desestabilizam a passividade escolar e fortalecem a construção de uma educação reencantadora, politizada e ancestralmente comprometida.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação docente no Recôncavo Baiano exige um posicionamento ético e político que responda às demandas históricas do território. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizada em uma região profundamente marcada pela presença de comunidades quilombolas e de matriz africana, constitui um espaço em que a docência não pode se sustentar em bases neutras ou universalistas. O contexto impõe a necessidade de práticas educativas comprometidas com a justiça social, a reparação histórica e a valorização das identidades negras.

Nesse cenário, o subprojeto PIBID de Artes e História se afirma como um laboratório de formação docente que tensiona a colonialidade do currículo e da prática pedagógica. A proposta não se limita à aplicação de metodologias de ensino, mas configura-se como um espaço de intervenção crítica e de enfrentamento ao epistemicídio — entendido como a negação e o apagamento sistemático dos saberes de povos historicamente



subalternizados. A escola pública, nesse contexto, deve se tornar território de reencantamento, insurgência e afirmação da memória ancestral.

Paulo Freire (2016) constitui o alicerce epistemológico do trabalho. Seu conceito de “esperançar” rompe com a ideia de esperança passiva e convoca à ação transformadora: levantar-se, organizar-se e construir novas possibilidades de mundo. Essa perspectiva é central para uma docência antirracista, uma vez que se opõe à naturalização das estruturas de opressão. Bell hooks (2021) complementa essa visão ao compreender a educação como prática da liberdade, exigindo o rompimento com a lógica opressiva e a valorização das vozes historicamente silenciadas.

O trabalho se ancora nas epistemologias negras como eixo de enfrentamento ao racismo estrutural. Sueli Carneiro (2005) denuncia o epistemicídio como uma das dimensões centrais da colonialidade, apontando a exclusão dos saberes negros como mecanismo de dominação. Djamila Ribeiro (2017), ao discutir o “lugar de fala”, destaca a importância de reconhecer a centralidade das experiências e narrativas de sujeitos negros. Nilma Lino Gomes (2017) reafirma o valor dos conhecimentos produzidos nas práticas dos movimentos negros, enquanto Kabengele Munanga (2019) defende a obrigatoriedade de uma educação que contemple a história e cultura africana e afro-brasileira como estratégia de descolonização do imaginário.

Na dimensão estética e pedagógica, o trabalho dialoga com Ana Mae Barbosa (2009), especialmente com a Abordagem Triangular (fazer, ler e contextualizar a arte), que permite compreender produções artísticas em sua dimensão histórica, cultural e política. Quando inserida no contexto do Recôncavo Baiano, essa metodologia assume caráter antirracista, conferindo à arte um papel de resistência e ressignificação identitária.

Nesse horizonte, emerge também a contribuição de Fredson de Oliveira Martins (2023), que conceitua a prática arte-educativa como um “Ebó de Esperança”. A metáfora do ebó, inspirada nas cosmologias afro-brasileiras, representa um ritual de abertura de caminhos, cura e reorganização das forças diante da desesperança. O fazer pedagógico, assim, torna-se uma oferenda simbólica que confronta o imobilismo provocado pelo racismo, reativando a potência criadora, estética e coletiva dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas interdisciplinares realizadas no subprojeto evidenciaram, de maneira consistente, que a integração entre História e Artes potencializa a construção da consciência histórica, estética e identitária dos estudantes. Ao incorporar o corpo, a oralidade e as estéticas afro-brasileiras como elementos centrais das atividades pedagógicas, a arte atuou como linguagem expressiva, narrativa e política.

A articulação entre Artes e História não se limitou a um planejamento temático, mas constituiu uma verdadeira fusão epistemológica. A compreensão de eventos históricos deixou de ser abstrata ao ser traduzida em experiências corporais, visuais e performáticas. Um exemplo disso foi o estudo das revoltas negras (História) seguido da criação de performances cênicas (Artes), que transformou o conhecimento histórico em vivência sensível e ética.

Os resultados apontam que essa perspectiva interdisciplinar atua como uma ferramenta de combate ao “desencanto” descrito por bell hooks (1994), ao reativar o desejo de aprender e a curiosidade crítica. Nesse sentido, a arte-educação funcionou como uma tecnologia de encantamento, resgatando a potência criativa e subjetiva dos estudantes.

Como afirma Martins (2023), a esperança pode ser compreendida como força simbólica e afetiva que resiste ao desencanto provocado pelo racismo e pelas estruturas coloniais. O autor utiliza a metáfora da lagoa no semiárido para explicar a potência do esperançar e da esperança:

A esperança é uma lagoa no semiárido. Encontramos o clima semiárido nas terras sertanejas que são batizadas de “polígonos das secas”, locais marcados pela ocorrência do fenômeno da seca e da quentura. A contrariedade que é engendrada pela ausência da chuva tem causado a desertificação, processo que agrava a composição de desertos causados pelo aquecimento global, efeito estufa e seca extrema. A esperança é uma lagoa no semiárido. A lagoa é feita por um represamento de água. Esse recinto estático que estanca a água da chuva é a molhadura que estagna a ferida-desesperança [...] Nesse sentido, assim como uma lagoa, a esperança pode ser vista como uma fonte de renovação e força para enfrentar o racismo que nos desencanta. (MARTINS,2023, p. 3-22)

Os espaços escolares, muitas vezes marcados por silenciamentos e descrença, foram ressignificados como territórios de insurgência educativa e afetiva. A valorização do corpo e





da oralidade — linguagens historicamente relegadas pela educação colonial — promoveu o reencantamento do processo de aprendizagem, especialmente entre estudantes negros.

Segundo bell hooks:

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade. (hooks, 2013, p.273)

As experiências vividas configuraram aquilo que Fredson de Oliveira Martins denomina de “Ebó de Esperança”: práticas pedagógicas coletivas que atuam como rituais de cura e resistência diante das violências simbólicas do racismo. Os resultados demonstram que a educação antirracista, quando mediada por metodologias criativas e sensíveis, fortalece a subjetividade negra e rompe com processos de apagamento.

O estudante que antes ocupava o lugar da invisibilidade passa a reconhecer-se como sujeito histórico e criador. Nesse espaço interdisciplinar, o corpo não apenas “brinca” ou “ginga”, mas inventa, afirma e resiste, reinscrevendo sua existência no currículo e na memória coletiva do Recôncavo Baiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência reafirma que a formação docente no Recôncavo Baiano deve estar comprometida com uma pedagogia libertadora, antirracista e interdisciplinar. As vivências no subprojeto PIBID de História e Artes demonstraram que a articulação entre teoria crítica, ancestralidade e prática coletiva torna-se um caminho potente para descolonizar o currículo e reencantar a escola pública.

Ao integrar História e Artes sob a perspectiva das epistemologias negras e da pedagogia freiriana, o projeto possibilitou a construção de práticas pedagógicas que rompem com o silenciamento histórico e afirmam a identidade afro-brasileira como fundamento





político e estético da educação. A arte-educação, nesse contexto, operou como uma tecnologia de encantamento, capaz de mobilizar memória, crítica e sensibilidade em contraponto ao desencanto produzido pela colonialidade.

Nesse horizonte, a esperança assumiu um caráter ético e insurgente. Conforme defende Martins (2023), ela se apresenta como uma “lagoa no semiárido” — um reservatório de sentido que irriga a subjetividade mesmo em contextos marcados pela escassez simbólica. Assim, as ações realizadas se configuraram como um Ebó de Esperança, no qual a pedagogia se torna oferenda de cura, travessia e reinvenção diante do racismo que imobiliza.

Concluímos que a docência, quando firmada no compromisso com as vozes silenciadas, na escuta sensível e na justiça social, transforma-se em um ato contínuo de resistência e reencantamento. O desafio que se projeta é dar continuidade a práticas educativas que cultivem a esperança como força mobilizadora, capaz de transformar a escola, os sujeitos e o mundo.

Esse relato aponta, ainda, para a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a relação entre arte-educação, antirracismo e formação docente, ampliando o diálogo com escolas públicas e comunidades tradicionais do território. A experiência vivida não se encerra em si mesma: ela semeia caminhos para outras práticas, outras travessias e outros encantamentos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à força e à sabedoria que emanam da nossa Ancestralidade e das lutas por justiça social no Recôncavo Baiano, que serviram de inspiração e fundamento ético para nossa prática.

Agradecemos, com profundo reconhecimento, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pelo apoio institucional, pela infraestrutura e pelo espaço acadêmico indispensáveis ao desenvolvimento deste relato.

Estendemos nossa gratidão à Prof.^a Dr.^a Tatiana Polliana, coordenadora do programa interdisciplinar de História e Artes, pelo apoio contínuo, pela gestão cuidadosa e pela dedicação aos pibidianos, que certamente fortalecem esta pesquisa.

Expresso também um agradecimento especial à Prof.^a Sândila, pela orientação atenta, por nos guiar nesse percurso e por impulsionar a construção de uma docência conscientemente antirracista.





Por fim, registramos nosso reconhecimento à comunidade escolar envolvida e, em especial, aos estudantes, cuja participação dialógica e cujo "esperançar" reafirmam que a educação é, fundamentalmente, um Ebó de Esperança contra o racismo imobilizador.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. e COUTINHO, R. **Arte/Educação como Mediação Social e Cultural**. São Paulo: UNESP, 2009, 346 p.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 13 out. 2025.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GOMES, Nilma Lino (2017). **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Vozes.

hooks, bell. **Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GOMES, Nilma Lino (2017). **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Vozes.

MARTINS, Fredson de Oliveira. **Ebó de esperança**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Interdisciplinar em Artes) - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicada, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Amaro, BA, 2023.

MUNANGA, K. **Redisputindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade nacional versus Identidade negra. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.